

ARTIGO

CARREIRA DOCENTE: SABERES, COTIDIANO E DESAFIOS

CARRERA DOCENTE: CONOCIMIENTOS, VIDA COTIDIANA Y DESAFÍOS

TEACHING CAREER: KNOWLEDGE, EVERYDAY LIFE AND CHALLENGES

Marcio Andrade Lyrio Baldes¹

RESUMO:

Este artigo enfoca a carreira docente e as circunstâncias que influenciam e direcionam o seu desenvolvimento. Nesse sentido, objetiva-se analisar criticamente os impactos das transformações tecnológicas, produtivas e sociais na vida profissional dos professores, tendo em vista que o ato de educar enfrenta atualmente novos desafios. Um dos debates centrais apresentados é sobre o destino da escola: fim ou ressignificação. Há um descompasso entre o universo escolar que necessita de modernização ou inovação e o universo social que apresenta um quadro de profundas mudanças tecnológicas ou comunicacionais. Metodologicamente, este estudo é resultado de uma revisão de literatura que enfatiza as perspectivas teóricas atuais e críticas.

PALAVRAS-CHAVE: carreira, professor, educação.

RESUMEN:

Este artículo se centra en la carrera docente y las circunstancias que influyen y dirigen su desarrollo. En este sentido, el objetivo es analizar críticamente los impactos de las transformaciones tecnológicas, productivas y sociales en la vida profesional de los docentes, considerando que el acto de educar enfrenta actualmente nuevos desafíos.

¹ Atuo como professor do quadro efetivo da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ), com duas matrículas de 30h, desde 2015. Atualmente sou membro do corpo docente da Escola Estadual Visconde de Quissamã, onde leciono geografia, filosofia, estudos orientados, natureza e cultura, entre outras disciplinas. Atuei como professor de apoio ao ensino na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e como professor contratado na ONG Obra do Salvador, ambas localizadas em Campos - RJ. Pós-Graduado em Gestão Escolar (FAETEC). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Licenciado em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF). Email: malbgeocefet@gmail.com

Uno de los debates centrales presentados es sobre el destino de la escuela: fin o resignificación. Existe una desconexión entre el universo escolar que necesita modernización o innovación y el universo social que presenta un cuadro de profundos cambios tecnológicos o comunicacionales. Metodológicamente, este estudio es el resultado de una revisión de la literatura que enfatiza perspectivas teóricas críticas y actuales.

PALABRAS CLAVE: carrera, maestro, educación.

ABSTRACT:

This article focuses on the teaching career and the circumstances that influence and direct its development. In this sense, the objective is to critically analyze the impacts of technological, productive and social transformations on the professional life of teachers, bearing in mind that the act of educating is currently facing new challenges. One of the central debates presented is about the fate of the school: end or redefinition. There is a mismatch between the school universe that needs modernization or innovation and the social universe that presents a picture of profound technological or communicational changes. Methodologically, this study is the result of a literature review that emphasizes current and critical theoretical perspectives.

KEYWORDS: career, teacher, education.

1 – INTRODUÇÃO

Uma das atividades humanas mais complexas e imprevisíveis é a educação, os docentes e discentes se encontram no centro de um processo social repleto de desafios. As mudanças econômicas, sociais, tecnológicas, ideológicas, culturais, políticas e educacionais da contemporaneidade provocaram e ainda provocam debates incessantes e acirrados acerca das tendências e demandas da sociedade capitalista, bem como, sobre os propósitos pedagógicos. O mundo atual é caracterizado por um processo de globalização econômica e informacional, este fenômeno impacta o cotidiano dos indivíduos, tornando-o mais acelerado e conturbado, nessa perspectiva, cabe considerar que: “vivemos num mundo confuso e confusamente percebido” (SANTOS, 2017, p.17). Diante de tal constatação, o que se espera da educação não é um ensino centrado na transmissão e memorização de informações, uma vez que o acesso comunicacional se multiplicou desigualmente e temas sociais ou do currículo escolar alcançam os educandos antes que seus professores os expliquem na sala de aula. Atualmente, o principal desafio é preparar os estudantes para pensarem criticamente e para posicionarem-se numa realidade com instabilidades e manipulações. Nesse sentido, o fundamental não é só reter, mas

sim pensar sobre o que reteve, porque: “mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia” (MORIN, 2014, p.21). Se é frequente os casos de alunos que não conseguem refletirem sobre os assuntos e realizarem com êxito as tarefas que lhes são ensinadas, talvez, uma das explicações esteja no fato delas estarem em desacordo com as suas características pessoais e seus anseios. É possível que eles estejam relativamente desmotivados devido às práticas pedagógicas repetitivas, monótonas, acríicas, conteudistas e descontextualizadas. Vale ressaltar que tais práticas, apesar de constituírem a rotina escolar, se situam num contexto histórico e abrangente, do qual este artigo propõe-se apresentar e analisar brevemente.

As escolas são pontos de encontros de tensões ou crises de diferentes naturezas, algumas originadas no espaço escolar e outras produzidas externamente. O corpo docente é o componente frequentemente cobrado, não é o único, mas é aquele que mais interessa nesta abordagem. Depois dele, o segundo aspecto de interesse é o corpo discente. A relação educador-aprendiz é estremecida pelas mudanças da contemporaneidade, ao ponto de se questionar a importância da presença física do professor e também a necessidade do próprio espaço escolar tal como o conhecemos. Os pessimistas até chegaram a declarar o fim da escola, talvez isso seja um exagero. Nessa direção, cabe salientar que: “ existe lugar para a escola na sociedade tecnológica, porque ela tem um papel que nenhuma outra instância cumpre” (LIBÂNEO, 2011, p.27). Essas questões são controversas e têm repercussões na vida de todos os envolvidos no processo educacional, por essa razão, as abordagens aqui visam somente suscitar reflexões. Para cumprir tal propósito, o exame crítico e a revisão bibliográfica concentram-se no exercício da docência, para ser mais exato, nos fatores extrínsecos e intrínsecos que dificultam e facilitam o seu desenvolvimento.

2 - CAPITALISMO E DOCÊNCIA: DITAMES E DILEMAS

A hegemonia do capitalismo global está nos seus ditames econômicos e ideológicos que organizaram e dinamizaram os arranjos produtivos, bem como, ecoaram no imaginário social; seus efeitos continuam a ser convincentes. A fim de se expandirem, os capitalistas articularam investimentos e elaborações engenhosas de ideias coerentes com os seus preceitos ou valores. Por esse ângulo, vale frisar que: “fala-se em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias

realmente informa as pessoas” (SANTOS, 2017, p.18). O ponto central é: os sujeitos compreendem de fato as informações? É difícil especificar quais notícias esclarecem e quais as que confundem. A globalização é contraditória e oscilante, de tal forma que Zygmunt Bauman a define assim: “esta nova e desconfortável percepção das coisas fugindo ao controle é que foi articulada num conceito atualmente na moda: o de globalização” (BAUMAN, 1999, p.66-67). A dimensão informacional é relevante, no entanto, a que se destaca como propulsora da sociedade é a dimensão produtiva e financeira, ambas, estão entrelaçadas e disseminadas de maneira desigual, nesse ponto de vista, cabe esclarecer que: “[...] a globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é o resultado das ações que asseguram um mercado dito global” (SANTOS, 2017, p.24). As mencionadas ações têm como autores, os empreendedores de empresas multinacionais e os agentes do sistema financeiro, sob a tutela ou o apoio dos governos, propagaram seus ideais modernizantes.

A modernidade tem duas fases: pesada e leve. A primeira refere-se a um funcionamento social que enfatiza a durabilidade dos objetos e vínculos, o tamanho das coisas, a conquista de territórios, o controle, a vigilância e a rotina. Por outro lado, a segunda trata de uma nova ordem que tem como atributos: a fluidez do espaço e das interações, a efemeridade, a velocidade e a plasticidade. O paradigma mais recente está impactando sobremaneira os relacionamentos conjugais ou familiares, as vivências profissionais, bem como, outros segmentos da sociedade. Um dos seus desdobramentos é o aumento do divórcio e a aceitação do mesmo com certa naturalidade. Nesta linha de raciocínio, outra alteração percebida é no desenvolvimento da carreira; a permanência num mesmo emprego por longo período tornou-se escassa, enquanto isso, a brevidade do trabalho tornou-se corriqueira, muito em função das mudanças organizativas da produção e do mercado (BAUMAN, 2001, p.144-148). Além dos argumentos já apontados, outros tratam do cenário de modificações, especialmente nos séculos XX e XXI, entre os quais, se encontra o conceito de sociedade em rede: “[...] várias transformações sociais, tecnológicas, econômicas e culturais importantes se uniram para dar origem a uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede” (CASTELLS, 2018, p.11).

Historicamente, o mundo recebeu denominações que tratam da sua organização: “globalização”, “sociedade capitalista”, “modernidade”, “sociedade em rede”, entre outras. Todas dizem respeito a questões estruturantes que incidem na

maneira dos indivíduos experienciarem o espaço social. Estruturalmente, o planeta tem diferentes redes que garantem uma circulação intensa de pessoas, dados, capitais, etc. Nesse sentido, considera-se que a expansão e distribuição espacial das redes de telecomunicações, tornou possível uma comunicação multidimensional, simultânea e massificada, como também, viabilizou uma significativa flexibilidade dos negócios, por meio de reuniões, transações financeiras, vendas e capacitações virtuais. Conjuntamente, as redes de transportes se expandiram e alcançaram o patamar de destacado desempenho na função de articulação geográfica, isto, porque, o deslocamento passou a ser ágil entre os continentes ou entre os países. Para Castells (2018, p.135): “uma nova economia surgiu em escala global (...) chamo-a de informacional, global e em rede para enfatizar sua interligação”. Prosseguindo, o mesmo autor considera que: “[...] as novas tecnologias da informação agem sobre todos os domínios da atividade humana e possibilitam conexões infinitas entre diferentes domínios (CASTELLS, 2018, p.135). A distância deixou de ser uma barreira de complicada transposição, porque: “o mundo contemporâneo rompeu as distâncias, aproximando os povos” (ROSS, 2014, p.241), nesse contexto, a instantaneidade e o encurtamento do tempo das viagens, propiciaram as condições adequadas para a citada proximidade.

Com o ápice de popularidade da rede social, ganha força o fenômeno das *fake news*; notícias falsas que circulam nos meios comunicativos. A rede televisiva não é isenta de falseamentos dos fatos, mas, ao contrário da primeira, exerce com maior formalismo o papel de informar. Nesse sentido, o Grupo Globo, empresa brasileira do ramo comunicacional, tem um quadro no seu jornalismo responsável em apontar o que é fato ou *fake*. É uma iniciativa consoante com o contexto de difusão de mentiras que assola o Brasil. Não obstante, a referida instituição acumulou críticas acerca do impeachment da anterior Presidenta Dilma Rousseff (PT). O suposto golpe de 2016 é uma articulação entre elites, mídia, judiciário e parlamento, conforme a análise de Jessé Souza: “a elite financeira, a mídia, sob o comando da TV Globo –, o parlamento comprado e a casta jurídica se unem e decretam o fim do governo eleito” (SOUZA, 2016, p.131). O autor acrescenta: “[...] com o golpe consumado, todos os interesses que se articularam partem direto para o saque do espólio” (SOUZA, 2016, p.131). A intenção não é condenar a imprensa, mas sim, ressaltar a importância dela construir uma maior responsabilidade social, dado que, ao esforçar-se em atender este princípio, a mesma demonstra compromisso com as causas sociais; virtude que

colabora com o desenvolvimento da sociedade. Sobre a atuação jornalística da Rede Globo, cabe aqui enfatizar uma análise do Paulo Ghiraldelli:

“A Rede Globo manipula”. Não. A Rede Globo, na maior parte das vezes não manipula, ela diz a verdade. Há muitos modos de dizer a verdade. Só se faz ideologia na mídia – e isso é o que mais se faz – dizendo a verdade. A ideologia se sustenta na verdade, de modo que o leitor possa confiar no meio que carrega a mensagem, mas se faz segundo uma narrativa interesseira. Isso é ideologia (GHIRALDELLI, 2019, p.117).

Em tempos de globalização, a atribuição de socializar informações ou saberes é uma das mais contraditórias, posto que, os meios que possuem essa incumbência, universalizam valores e hábitos, bem como, inculcam ideias rasas ou ilusórias que perpetuam ou aprofundam o quadro de ignorância social. É um contrassenso pensar que tal realidade se explica unicamente pela perspectiva individual, como se cada sujeito fosse o gerador exclusivo do próprio desconhecimento ou da própria alienação. Nesse sentido, Márcia Tiburi considera que: “[...] no contexto que despreza o pensamento, a ignorância é um verdadeiro valor socialmente fomentado (TIBURI, 2016, p.56-57). A autora continua sua análise: “[...] aquele que pensa está fora da regra consentida da embriaguez generalizada à qual somos diariamente convidados pelos poderes instaurados” (TIBURI, 2016, p.56). Pensar não é uma mera atividade cerebral descolada do meio social, trata-se de um processo que envolve fatores externamente produzidos e o modo como cada um interpreta os conteúdos das mensagens. A educação escolar é um dos meios que introjeta premissas de cunho ideológico, embora, seja entendida como esfera organizada para a promoção do conhecimento. A sua ação é, simultaneamente, qualificadora e alienadora. Considerando esta perspectiva, analisa-se que: “[...] a reprodução da força de trabalho exige não só uma reprodução da qualificação desta, mas, ao mesmo tempo, uma reprodução da submissão desta à ideologia dominante (LUCKESI, 1994, p.44). Os meios comunicativos e instrutivos cumprem uma função de conservação e de modificação de valores, esta atuação é argumentada pela Moema Toscano:

Os mais importantes meios de difusão de homogeneização cultural da sociedade contemporânea são, indiscutivelmente, a imprensa, o cinema, o rádio e a televisão (...) tal influência acompanha uma limitação também crescente na atuação das instituições consideradas básicas para o processo de socialização: a família, a escola, a Igreja (TOSCANO, 2010, p.163).

O poder demonstrado pelos meios de comunicação de massa é um dos pilares da contemporaneidade, mas cabe acrescentar que não é só os tradicionais, pois, as redes sociais interferem incisivamente nos processos de socialização, através delas, massificam-se rapidamente ideias frívolas e modismos, além disso, há uma politização das mesmas, por meio do número expressivo e crescente de memes ou *fake news* de cunho político e ideológico que circulam nelas cotidianamente. Elas se transformaram em palanques virtuais, sobretudo, a partir da eleição presidencial norte-americana de 2016, da qual Donald Trump sagrou-se vencedor, apesar desses usos orientados por interesses escusos, não podemos só criticá-las, porque, são também espaços de troca cultural e de discussão salutar. Sobre o referido pleito eleitoral dos Estados Unidos e o fenômeno das *fake news*, Jim Acosta esclarece que inicialmente havia uma desconfiança de que as notícias falsas contra a oponente de Trump, Hillary Clinton, se tratavam de ações de hackers russos, posteriormente, percebeu-se que se tratava de uma manobra política desonesta (ACOSTA, 2019, p.38). O autor ainda cita um exemplo: “a mais sinistra dessas histórias falsas acusava a campanha de Hillary de manter e explorar sexualmente crianças em uma pizzeria em Washington” (ACOSTA, 2019, p.38). No Brasil, o cenário político é similar nesse aspecto, porque, há uso da desinformação para atingir propósitos políticos e as redes sociais são as plataformas preferidas desses ataques, conforme a seguinte análise: “as eleições de 2018 foram marcadas pelo grande impacto que a internet teve sobre o resultado final, seja através das fake news, de aplicativos de conversas (ARAÚJO, et al 2020, p.16).

O capitalismo expandiu-se não só pelos espaços físicos, mas também pelo ciberespaço, por meio dos seus aparatos técnicos e midiáticos, bem como, por meio dos seus aparatos doutrinários. Além dos conteúdos com fins eleitoreiros, já mencionados e analisados, destaca-se também a divulgação da doutrina do neoliberalismo. Os seus pressupostos alardeados pela mídia e pelos ditos intelectuais pró-mercado se popularizaram. Dentre os seus postulados, cabe enfatizar o que considera a máquina pública como algo sobrecarregado ou como: “[...] “governo grande”, característica primeira e primordial das ideias neoliberais” (GIDDENS, 2001, p.21), do mesmo modo há uma tendência de considerá-la menos eficiente que o segmento privado, tais argumentos, são usados como justificativas para privatizar e cortar verbas de serviços essenciais, processos estes, analisados dessa forma: “os governos brasileiros adotaram com fervor o receituário neoliberal: privatizações,

redução de gastos públicos” (TOMAZINE, 2016, p.180). Contrapondo-se a este posicionamento, há uma defesa da tese de que tal proposta não condiz com os objetivos do ensino público e que a sua implementação resultou em sucessivos contingenciamentos de recursos das escolas mantidas pelos governos. Sobre tais considerações, uma reflexão do Gaudêncio Frigotto mostra-se elucidativa para o que se pretende demonstrar: “os critérios empresariais de eficiência, de “qualidade total”, de competitividade em áreas incompatíveis com os mesmos, como educação e saúde, desenvolve-se hoje dentro do setor público” (FRIGOTTO, 2010, p.163). Retomando à questão dos recursos da educação, entende-se que existe um certo desinteresse dos governos em fomentar o desenvolvimento escolar:

O desinteresse crescente da classe dominante pela generalização de uma educação de qualidade pode ser ilustrado pelas diversas formas pelas quais, com a contribuição da própria ação estatal, a escola vem sendo negada em sua função específica de distribuição do saber. Entre essas formas, a mais eficiente, sem dúvida nenhuma, é a quantidade limitada dos recursos que são destinados ao setor educacional (PARO, 2012, p.140-141).

A conjuntura analisada até aqui repercute na carreira docente com alterações organizativas e novas exigências, bem como, com modificações de mentalidade. As pautas salariais se esbarram no panorama econômico de priorização de setores produtivos em detrimento de serviços públicos essenciais. Nesse pacote, podemos incluir a pauta das condições materiais de trabalho. Para José Carlos Libâneo, a escola está submetida aos ditames da sociedade capitalista: “as instituições escolares vêm sendo pressionadas a repensar seu papel diante das transformações que caracterizam o acelerado processo de integração e reestruturação capitalista mundial” (LIBÂNEO, 2004, p.45). O principal dilema da escola tem um sentido político: existe a necessidade de a mesma atender as demandas do sistema, porém, espera-se dela uma agenda crítica ou contestadora. Outro dilema tem um significado pedagógico; o professor tem o compromisso de criar pontes entre conteúdo e aprendiz, mas, segundo Nilbo Ribeiro Nogueira, existe uma falta de interação do aprendiz com o objeto do conhecimento. Este quadro tem relação com a abordagem somente conceitual dos conteúdos. Por outro lado, deve-se incluir o descompasso entre a realidade dos estudantes e as rotinas descontextualizadas da escola (NOGUEIRA, 2001, p.25-27).

2 - MAGISTÉRIO: CONSTRUÇÃO SOCIAL

A docência é uma profissão que muitas vezes é encarada como uma “missão” ou um “sacerdócio”, devido aos inúmeros percalços encontrados no seu itinerário e pela sua responsabilidade social. Além das suas singularidades culturais e identitárias, a mesma possui regulações, normas e rotinas que são similares às praticadas nas demais atividades profissionais. Notadamente, é uma das carreiras mais sobrecarregadas (excesso de aulas) e pressionadas (excesso de cobranças e críticas), muito em função da sua intervenção voltada para a preparação dos jovens, numa época de incerteza ou incongruência. Nessa perspectiva, Ira Shor considera que: “[...] os professores enfrentam aulas demais, alunos demais e controle administrativo demais” (SHOR, 2021, p.14). Uma frase do Antônio Gramsci traduz o ambiente de indefinição que predomina: “o velho está morrendo e o novo não pode nascer. Nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece” (GRAMSCI, 2007, p.134). Isso vale para entender o processo de educar, sabe-se que as velhas práticas não funcionam bem, por outro lado, as novas ainda não se firmaram. A qualidade da educação escolar depende do desempenho inovador do professor, não só pedagógico, mas também sociopolítico. Essa qualidade difere da defendida pelos neoliberais, como aponta Libâneo:

Tem sido bastante difundida a noção de qualidade retirada da concepção neoliberal da economia, a qualidade total. Aplicada ao sistema escolar (...) a qualidade total decorre de uma concepção economicista, empresarial e pragmática (...) A esse conceito opõe-se o de qualidade social (...) escola com qualidade social significa a inter-relação entre qualidade formal e política (LIBÂNEO, 2004, p.65-66).

As tendências de conservação e de mudança coexistem na prática educacional, se, por um lado, há resistências ao novo, por outro lado, existe adesão às novas ideias, no entanto, as novidades são, por vezes, modismos que criam a sensação de construção de algo de valor qualitativo. Na concepção de António Nóvoa: “[...] os profissionais do ensino são por vezes muito rígidos, manifestando uma grande dificuldade em abandonar certas práticas” (NÓVOA, 2013, p.16-17). O mesmo autor ainda considera que: “[...] as modas estão cada vez mais presentes no terreno educativo, em grande parte devido à impressionante circulação de ideias no mundo atual” (NÓVOA, 2013, p.17). O pensamento freiriano afirma que: “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar

a próxima prática” (FREIRE, 2020, p.40). A reflexão crítica sobre a prática faz com que o educador questione os modismos pedagógicos.

A trajetória docente é marcadamente oscilante e com diferentes fases. Michael Huberman pesquisou sobre a carreira docente e definiu sete estágios. A entrada na carreira se caracteriza por situações de enfrentamento da realidade e por entusiasmo de finalmente pertencer a uma categoria profissional. A segunda fase é a estabilização, etapa onde o profissional sente-se mais competente, confiante e comprometido com suas atribuições. A terceira fase é a da diversificação, depois das incertezas do princípio, o professor começa a ousar; desenvolve atividades e avaliações diferenciadas. Uma vez estáveis, os docentes se arriscam e atacam mais as aberrações do sistema. A quarta fase é a do “pôr-se em questão”, nesta condição, sentimentos de desmotivação com a rotina e até mesmo crises existenciais surgem. A quinta fase é a serenidade e distanciamento afetivo, é uma situação de relativa tranquilidade e de controle, acompanhada de uma atitude de desinvestimento. A sexta fase é o conservantismo e lamentações; conjunto de descontentamentos, sentimentos nostálgicos e conflitos geracionais. A sétima e última fase apontada é o desinvestimento: a redução significativa da vontade de ensinar ou o desligamento definitivo (HUBERMAN, 2013, p.31-46).

Considerando a complexidade da carreira docente, Paulo Freire analisou os saberes necessários ao exercício da docência e concluiu que muitas competências e habilidades compõem ou deveriam compor o cotidiano dos professores, dentre as quais, destacam-se: rigorosidade metódica, criticidade e reconhecimento do caráter ideológico da educação. Analisar o fazer pedagógico apenas numa perspectiva cognitiva ou curricular, empobrece ou limita a compreensão, porque os mestres deparam-se não somente com desafios intelectuais. Da mesma forma, o que se espera dos mesmos é uma atuação que ultrapasse as competências tradicionais das suas especialidades. Os novos desafios contemporâneos expõem lacunas formativas e laborativas ainda não preenchidas no ofício docente; questões que dizem respeito ao ativismo político, ao meio ambiente e ao fenômeno tecnológico ou comunicacional. O espectro de capacidades é extenso e consoante com o papel dos docentes diante dos novos cenários sociais e econômicos. O primeiro saber citado refere-se à necessidade de um ensino rigoroso, mas não no sentido conteudista e transmissor de informações, ao contrário, diz respeito ao desenvolvimento do pensamento e do conhecimento significativo para o educando. O rigor não é uma cobrança excessiva

ou somente um ato metodologicamente organizado (FREIRE, 2020, p.28-29). O segundo saber é a criticidade, isto é: o modo como a consciência ou curiosidade ingênua se torna gradativamente consciência ou curiosidade crítica (FREIRE, 2020, p.32-33). O terceiro saber em questão é apontado por Paulo Freire dessa forma:

Saber igualmente fundamental à prática educativa do professor ou da professora é o que diz respeito à força, às vezes maior do que pensamos, da ideologia (...) É que a ideologia tem a ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo que nos torna “míopes” (...) A capacidade de penumbrar a realidade que tem a ideologia nos faz, por exemplo, a muitos de nós, aceitar docilmente o discurso cinicamente fatalista neoliberal que proclama ser o desemprego no mundo uma desgraça do fim do século. Ou que os sonhos morreram e que o válido hoje é o “pragmatismo” pedagógico (FREIRE, 2020, p.122-123).

É difícil edificar uma educação bem elaborada desconsiderando as influências ideológicas e todo o contexto socioeconômico. Nessa perspectiva, Bernard Charlot esclarece que a ideologia promove uma cisão entre educação escolar e realidade social; os problemas educacionais são analisados como se fossem categorias autônomas ou ideais. Existe uma camuflagem ou uma justificação das desigualdades sociais (CHARLOT, 2013, p.129). Na concepção de Charlot: “a pedagogia não leva diretamente em conta o significado social da educação. Com argumentos culturais, mascara os objetivos sociais reais da educação” (CHARLOT, 2013, p.130). A pedagogia tradicional trata a questão educacional com uma acentuada inclinação para a ideia de cultura ou natureza humana. Com isso, os conflitos ou contradições sociais são ocultados ou negligenciados. (CHARLOT, 2013, p.134). É fundamental entender o papel transformador da educação, tratá-la apenas como um meio de socialização de cultura é submetê-la ainda mais aos ditames da sociedade capitalista.

Além dos saberes apontados por Paulo Freire, vale destacar algumas competências ou fluências consideradas no livro intitulado: “aprendizagem na era das tecnologias digitais”. A referida obra analisa onze fluências, das quais o interesse é apresentar quatro: tecnológica, sociocultural, participativa-colaborativa e ética. Os autores não associam as fluências ao magistério, eles relacionam as mesmas com o mundo do trabalho em sua totalidade. A primeira refere-se ao domínio da tecnologia. A segunda refere-se à habilidade de lidar com culturas de diferentes origens. A terceira tem relação com o trabalho em equipe e a cooperação. A quarta fluência é a ética, ou seja, a capacidade de agir com sabedoria e autocontrole diante de situações adversas

(BARANAUSKAS et al, 2007, p.23-41). Na perspectiva do magistério, a fluência em tecnologia significa “modernizar” as aulas, a fluência sociocultural permite uma melhor aceitação das diferenças étnicas ou de nacionalidade na classe, a fluência em atuar em equipe e eticamente é primordial, porque a educação exige debate e ações conjuntas.

Para Maurice Tardif, existem três categorias de docente: o tecnólogo do ensino, o prático reflexivo e o ator social. O primeiro identifica-se como perito no planejamento do ensino e seus conhecimentos são fundamentados em pesquisas científicas. É um perfil estratégico que usa diferentes recursos pensando nos aspectos cognitivos dos estudantes. O segundo está mais associado à experiência do que à perícia em planos e métodos. Este perfil possui sólido conhecimento, mas a reflexão é uma das suas principais características. O prático se serve bastante da sua intuição e seu pensamento é flexível, capaz de adaptar-se às situações novas. O terceiro é o professor mais engajado em mudanças e mais atento aos fatores sociais. É um intelectual consciente das questões sociais e promove pontes entre a escola e a comunidade (TARDIF, 2014, p.301-303).

Um saber fundamental é a capacidade de mediação da aprendizagem, ou seja, de criar condições para que o educando aprenda com autonomia e criticamente. A criatividade é o ponto central. O desenvolvimento tecnológico despertou ou reforçou o debate sobre a possibilidade de uma sociedade sem escolas. Para Ivan Illich, a simples existência da escola impede os pobres de assumirem o comando da própria aprendizagem. Ele ainda considera que a escola cria um efeito contrário ao ato verdadeiramente educacional. As deficiências da escola são justificadas com explicações que apontam a educação como tarefa extremamente difícil e onerosa (ILLICH, 2018, p.19). O referido pensador é um otimista com o potencial pedagógico da sociedade tecnológica ou do conhecimento e um pessimista com a escola. O discurso fatalista da escola opõe-se ao pensamento reformador da instituição escolar. Tem lugar para ela na sociedade, no entanto, é essencial entender que a mesma não detém o monopólio do ensino ou não possui *status* de privilegiada instituição de ensino. Sobre a referida questão, Libâneo afirma que:

Têm sido frequentes afirmações de que a profissão de professor está fora de moda, de que ela perdeu seu lugar numa sociedade repleta de meios de comunicação e informação (...) Desse modo, não haveria mais lugar para a escola e para os professores. Numa sociedade sem escolas, os jovens aprenderiam em Centros de informação por meio das novas tecnologias como televisão, vídeo, computadores (...) a escola precisa deixar de ser

meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas (LIBÂNEO, 2011, p.15-28).

É um fato a existência de inúmeras instituições que desenvolvem e transmitem informação, assim como é notório que o professor não é o único detentor do saber e com a incumbência de ensinar; existem outros profissionais que adentram nessa dimensão e vários recursos de qualidade. Para destacar-se nessa conjuntura, a escola deve construir a compreensão dessa realidade, funcionar em colaboração com outras organizações e familiarizar-se com as novas ferramentas. Mais que isto, o professor é desafiado a converter informação em conhecimento significativo e crítico. A figura do professor que só transfere conteúdos e que cumpre fielmente roteiros pré-elaborados de instâncias superiores sem questionamentos entra numa fase de forte contestação. Francisco Imbernón questiona o papel convencional do docente. Na concepção do autor: “o professor ou a professora não deveria ser um técnico que desenvolve inovações prescritas, mas deveria converter-se em um profissional que deve participar ativa e criticamente no verdadeiro processo de inovação” (IMBERNÓN, 2011, p.21).

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os propósitos da escola são desafiadores, os saberes e os compromissos vinculados ao professor são múltiplos e complexos, por outro lado, as práticas escolares costumam não corresponder às expectativas. As mudanças são constantes e as instituições de ensino são pressionadas. O estilo de escola confinamento e o perfil de professor que só reproduz o pensamento pronto estão desacreditados, no entanto, o estilo aberto e criativo desperta desconfiança. A globalização aprofundou a integração da economia, como também criou redes em que informações são compartilhadas em tempo real e de diferentes lugares, tal realidade colaborou para a banalização da informação, além disso, tornou-a abundante e bastante acessível aos jovens conectados, situação que contrasta com a escola, pois, neste local, o saber é compartimentado em disciplinas, é oferecido em “doses homeopáticas”, é repassado com linguagem rebuscada e com recursos escassos ou desinteressantes.

Os professores não têm o *status* de privilegiado detentor do saber, porém, sua mediação é necessária, principalmente quando é compatível com os novos desafios. Apesar das críticas ao ensino escolar convencional, ainda há sentido em existir um

local e um profissional especializados na preparação dos indivíduos para o mundo do trabalho e para a vida social. O ato de educar pressupõe a presença, a construção do conhecimento, o acompanhamento direto e o contato social, ultrapassa a mera aplicação de conteúdos curriculares. A carreira docente se constrói a partir da combinação de vários fatores, tanto na perspectiva individual como na perspectiva coletiva. No âmbito pessoal, o docente depara-se com desafios de ordem cognitiva, afetiva, formativa e ideológica, além disso, encontra pelo caminho os ditames e dilemas no âmbito institucional e social.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Jim. **O inimigo do povo**: uma época perigosa para dizer a verdade. Rio de Janeiro: Harper Collins: 2019.

ARAÚJO, Valdei; KLEM, Bruna Stutz; PEREIRA, Mateus. O tempo presente e os desafios de uma historiografia (IN) atual. In: ARAÚJO. Valdei; KLEM. Bruna Stutz;

BARANAUSKAS, M. Cecília C.; MAZZONE, Jaures; VALENTE, José Armando (Orgs.). **Aprendizagem na era das tecnologias digitais**. São Paulo: Cortez: 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: As consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2001.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 19ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra: 2018.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica**: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. São Paulo: Cortez: 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 66ª ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra: 2020.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 14ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra: 2021.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 6ª ed. São Paulo: Cortez: 2010.

GHIRALDELLI, Paulo. **A Filosofia explica Bolsonaro**. São Paulo: LeYa: 2019.

GIDDENS, Anthony. **A terceira via**: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia. Rio de Janeiro: Record: 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere** 9ªed. v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2019.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: NÓVOA, António (Org). **Vidas de professores**. 2ª ed. Porto – Portugal: Porto Editora: s/a.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes Editora: 2018.

IMBERNÓN. Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. v.14. 9ªed. São Paulo: Cortez Editora: 2011.

LIBÂNEO. José Carlos **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13ª ed, v.2. São Paulo: Cortez: 2011.
_____. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5ª ed. Ed. Alternativa: 2004.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez Editora: 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 21ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 2014.

NOGUEIRA. Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. 6ª ed. Editora Érica LTDA: 2005.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias das suas vidas. *In*: NÓVOA, António (Org). **Vidas de professores**. 2ª ed. Porto – Portugal: Porto Editora: s/a.

PEREIRA. Mateus (orgs). **Do Fake ao Fato:(des) atualizando Bolsonaro**. Vitória: Milfontes: 2020. Disponível em: <https://editoramilfontes.com.br/acervo/DoFakeaoFato>. Acesso em: 20 abril 2020.

PARO. Vitor Henrique. **Administração escolar: introdução crítica**. 17ª ed. Ed. Cortez: 2012.

ROSS, Jurandyr L. Sanches. **Geografia do Brasil**. 6ª.ed. São Paulo: Edusp: 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record: 2017.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado**. Rio de Janeiro: LeYa: 2016.

TARDIF. Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17ª ed. Petrópolis. Ed. Vozes: 2014.

TIBURI, Márcia. **Filosofia prática: ética, vida cotidiana e vida virtual**. Rio de Janeiro: Record: 2016.

TOMAZINE, Eduardo. A produção da cidade capitalista, problemas urbanos e ondas conservadoras: In: DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (Orgs). **A onda conservadora**: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad: 2016.

TOSCANO, Moema. **Introdução à sociologia educacional**. 14ªed. Ed. Vozes: Rio de Janeiro: 2010.